

“ZÉ PELINTRA: UM ENCANTADO NA LAPA”. UM ESTUDO DOS RITUAIS DA UMBANDA PELO OLHAR DA FOLKCOMUNICAÇÃO⁴⁴⁸

Francinete Louseiro de Almeida⁴⁴⁹

Francisco Benedito da Silva Serra⁴⁵⁰

RESUMO: O presente artigo é o início do projeto de pesquisa que tem por objetivo estudar, a partir da teoria da Folkcomunicação, a ritualidade como elemento formador da cultura organizacional de uma instituição religiosa. Para tanto, busca-se entender as festas e os rituais que são realizados no Centro de Umbanda Zé Pelintra, localizado no Alto do Turu em São Luís do Maranhão. O artigo parte da seguinte fundamentação teórica: o conceito de cultura na Folkcomunicação, por localizar a Umbanda nos grupos culturalmente marginalizado – o messiânico; o entendimento sobre as festas populares, e finalmente, trabalha-se com os rituais enquanto um sistema de comunicação simbólica. Como metodologia será utilizada a pesquisa bibliográfica e de campo.

Palavras-chave: Comunicação Social, Folkcomunicação, Festas Populares, Religião, Rituais

1 Introdução

A comunicação social é a área responsável pela interação e intermediação dos vários campos do saber, por isso o seu caráter de interdisciplinaridade. Ela consegue perpassar pelas ciências da saúde até as ciências exatas, colaborando com a troca de informações e conhecimentos. Pode-se dizer, hoje, que as modernas tecnologias de comunicação auxiliam essas ciências nas mais diversas descobertas possíveis. Já quando se pensa em ciências humanas e ciências sociais, vislumbra-se um universo imenso de articulações da comunicação com as diversas áreas do conhecimento dessas ciências, pela necessidade que existe nos prováveis estudos que as relacionam.

A proposta deste artigo é estudar a ritualidade da festa da entidade “Zé Pelintra” enquanto formadora da cultura organizacional de um centro de Umbanda. O que se pretende estudar, a partir de uma nova perspectiva, são os rituais como estratégias de comunicação utilizadas nas festas dessa instituição e formadores de uma cultura organizacional. Por isso, propomos como questões norteadoras: levantar a discussão sobre festas religiosas, a partir da Folkcomunicação e como os rituais ajudam na formação da cultura de uma organização? Considerando o que foi dito no parágrafo anterior, serão utilizados conceitos de diversas áreas

⁴⁴⁸ Trabalho apresentado ao Trabalho apresentado no GT 5 - Folkcomunicação: narrativas, ritos, saberes e interculturalidade - da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁴⁴⁹ Professora Adjunta II do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão e Coordenadora do Projeto PIBIC O MAPA DA MINA: Mapas e territórios que dão origem às festas populares na ilha magnética. Pesquisadora do Diversus – Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: Francinete.louseiro@ufma.br

⁴⁵⁰ Graduando em Comunicação Social – Relações Públicas. Bolsista PIBIC – Voluntária e Pesquisadora do Diversus – Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagens, Interação e Estratégias de Comunicação. Email: Francisco.serra@discente.ufma.br

das ciências sociais para que se possa entender e tentar explicar como esses fenômenos acontecem. Um dos primeiros conceitos que trazemos para artigo é o da própria Umbanda

Para compreender essa religião devemos encarar o terreiro como uma encruzilhada, onde não há um centro definido, onde todos os caminhos estão abertos para diferentes alteridades – o corpo, o poético, o imaginário, o transcendente. Métodos pré-definidos de investigação não dão conta ou se mostram pouco eficazes no terreiro. No entanto, sendo o terreiro espaço da síncope, os vazios são preenchidos a cada passo, a cada ação, a cada fenômeno que se apresenta diante do olhar. (CAMARGO, 2019, p. 107)

Nessas alteridades, que encontramos na Umbanda, onde passamos do corpo ao transcendente, é que vislumbramos um estudo dos rituais. Vale lembrar que nossa abordagem sobre esse assunto, entende rituais enquanto um sistema simbólico de comunicação. Esse sistema, enquanto prática do centro religioso, é capaz de fomentar e delinear a cultura dessa organização. O que pretendemos com o artigo é justamente isso, apresentar os rituais como fomentadores de uma cultura organizacional, para tanto, o artigo se apresenta primeiramente com a localização do Centro de Umbanda Zé Pelintra e a caracterização da festa da entidade; em seguida propomos uma abordagem sobre cultura e sua formação nas organizações; depois trabalha-se o conceito de religião na Folkcomunicação, festas populares e rituais.

2 O Centro e a Festa de Zé Pelintra



“Salve pai celestial, criador do céu e da terra
Salve pai Oxalá, Orixá maior
Criador do mundo e dos humanos!
Bendito seja o Senhor do Bonfim!
Salve Zé Pelintra, mensageiro da luz, guia e protetor de todos aqueles que,
Em nome de Jesus, praticam a caridade;
Dai-me Zé Pelintra, o sentimento suave que se chama misericórdia[...]

Esse trecho da reza de Zé Pelintra nos convoca para a caridade e nos envolve com o imaginário e o sobrenatural, para uma noção pré-existente, aquilo que podemos denominar de arquétipo. “E como arquétipo dança no palco dos mitos. Zé é mito. E como mito circula na cultura. Pelintra é pulsão espírito-natural. E como pulsão é dono do corpo. O mito é malandro. E como malandro flerta, dança e devora as mídias, imagens e linguagens.” (CAMARGO, 2019, p. 105)

Embalados pelo flerte, pela dança, pelo passo leve do malandro e pelas mais diversas linguagens, mídias e imagens, o Centro de Umbanda Zé Pelintra é hoje uma referência em contato e trabalhos com o Mestre Malandro Sr. Zé. Cheio de carisma e graça este Guia Espiritual leva alegria por onde passa. As atividades do centro de umbanda que leva o nome deste grande catimbozeiro e se localiza na rua da mangueira, n. 61, alto do turu – São Luís/MA, tiveram início em 2008 sob a orientação espiritual do pai Ronaldo Lopes. No início eram apenas consultas* e passagens* rápidas, com o passar dos anos houve o agrupamento de médiuns e consulentes e as sessões* passaram a serem realizadas quinzenalmente. O centro abriga cerca de 25 pessoas entre médiuns e consulentes frequentes.

Todos os anos, no mês de abril é realizada a Festa do Mestre Zé Pelintra, com o objetivo de entregar a obrigação em agradecimento ao aniversário de “nascimento” do Guia na Croa* o Líder da Casa. A festa é marcada pelo toque do tambor em homenagem a Exu e uma recepção calorosa com direito a distribuição de cerveja e feijoada, alimentos típicos da malandragem carioca. Uma grande roda de samba embala a noite da festa, que adentra a madrugada e vislumbra o nascer do sol. Esse momento festivo conta com a presença de Caboclos, Índios, Pombogiras, Exus e outros Malandros, isto porque diferentemente de outras linhas da Umbanda, a linha de Malandros não restringe a presença de outras regências astrais*.

O processo de preparação para a festa começa meses antes com uma reunião entre os filhos e simpatizantes que frequentam a casa, a escolha do tema de apoio é o ponto inicial dos trabalhos, seguindo o planejamento e distribuição de tarefas. Com todos esses pontos solucionados, uma semana antes do dia da festa, todos são convocados para um preceito* de no mínimo três dias que antecede o toque e a realização de oferendas a entidade de umbanda, Zé Pelintra.

Os rituais que permeiam esta festa, serão apresentados no ponto sobre rituais, pois nosso objetivo no artigo é abrir a discussão sobre a cultura dessa organização religiosa. Tendo em vista essa perspectiva, iremos falar no próximo sobre a formação cultural nas organizações.

3 Cultura e sua formação nas organizações

Iasbeck nos diz que “A cultura seria, então, não apenas a ação do homem, mas o que leva o homem a agir sobre a natureza das coisas de modo a transformá-la para servir aos seus propósitos, sejam eles quais forem.” (IASBECK, 2010 p. 140). Compreende-se que numa organização, onde o indivíduo é considerado como peça importante para a vida da mesma, é fundamental que se dê atenção ao estudo da cultura organizacional.

Desta maneira, surgiu outra abordagem também inserida no ponto de vista da cultura como variável: a perspectiva da cultura ou cultura organizacional. Nela a cultura é usualmente definida com base na metáfora da “cola”, que mantém a organização unida. Ela expressa os valores, crenças e ideais compartilhados por todos os agentes organizacionais. A cultura é, aqui, estudada como uma variável que oferece a oportunidade de evidenciar, compreender e até controlar a criação de verdades, valores e crenças que ocorrem na organização, manifestadas pelo aparato simbólico constatado em mitos, rituais, histórias, lendas cerimônias etc. (CARRIERI E SILVA, 2014, p. 42)

São esses valores, verdades e crenças que devem ser percebidos no estudo da organização, mesmo estando trabalhando com uma organização religiosa. É nessa comunicação simbólica, estabelecida inclusive nos rituais religiosos que se observam as ordens culturais das organizações. Essa ordem cultural organizacional é constituída principalmente por esse universo simbólico, pelas relações e interações que nela são formadas e, de certa forma, é a responsável pelas mudanças ocorridas também nas atitudes dos indivíduos. Quando se coloca essa questão, o subsistema simbólico, identifica a organização como lugar onde são percebidas as convivências, as afeições e as disputas travadas a partir de personagens que nas suas individualidades se opõem ou se harmonizam com o outro. Enquanto lugar, as organizações permitem “abordagens que incomodam e desacomodam algumas certezas tácitas, e permitem supor que a cultura organizacional revela e desvela o universo organizacional, que é constituinte/constituído por diálogos visíveis e invisíveis” (SCROFERNEKER, 2012, p. 188,).

O que se tenta aqui é colocar a essência do estudo da cultura organizacional para todo um processo de gestão das organizações. “A cultura, portanto, reflete a essência de uma organização, um processo que necessariamente envolve e produz conhecimento. A comunicação cria, dessa forma, a cultura organizacional e fortalece a identidade de uma organização.” (MARCHIORI, 2014, p. 107...). Portanto, como o objetivo da pesquisa será entender os rituais enquanto um sistema de comunicação responsável pela fomentação e produção da cultura organizacional de um centro de Umbanda, abordaremos a seguir questões sobre a religião baseadas na teoria da Folkcomunicação.

4 Religião e Folkcomunicação

A teoria da Folkcomunicação tem sua origem nos estudos do jornalista Luiz Beltrão, pesquisador e escritor pernambucano, apaixonado pela cultura popular, e que se interessava em conhecer o cotidiano das classes mais pobres. Nos estudos de Beltrão, a Folk apresenta-se como um sistema de comunicação das classes excluídas da sociedade e, por isso, o pesquisador “a entendia como processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)” (MELO, 2008, p. 18).

A compreensão de Beltrão (1980), sobre cultura e folclore, foi orientada para o entendimento das estratégias comunicativas existentes nas manifestações que vão além do lúdico e do contemplativo da livre expressão. Descreve o autor que esse sistema buscava estabelecer um diálogo (princípio básico da comunicação) que só se viabilizaria por meio das relações com outras pessoas que tivessem os mesmos valores e sentidos, ou seja, um reconhecimento de identidades. Os estudos de Beltrão concluem que, se tais grupos marginalizados⁴⁵¹, como foram denominados por ele, não tivessem este ponto de encontro, talvez o diálogo não fosse possível. São achados que levam o pesquisador pernambucano a identificar um outro sistema de comunicação que se constitui e ultrapassa os meios convencionais. Esse outro sistema foi denominado *folkcomunicação*. “um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo” (HOHLFELDT, 2013, p. 877).

A partir dos estudos dos grupos marginalizados, Beltrão elabora a discussão sobre religião, ao compreender os grupos culturalmente marginalizados – os messiânicos

grupo composto de seguidores de um líder carismático, cujas ideias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças e denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social. (BELTRÃO, 1980, p. 103)

Vale ressaltar que enquanto grupos religiosos, os grupos messiânicos buscavam também sua aceitação perante uma cultura religiosa dominante. Considerando que, ao entender e propor a Folkcomunicação, Beltrão enxergava as dimensões e diferenças entre culturas, de um lado se apresentava uma cultura dita erudita e o do outro, as culturas que se denominavam de populares. Isso também era característico nas religiões, justamente porque se configuravam a partir dessas culturas. Então, tínhamos uma religião dominante e as religiões periféricas, onde a Umbanda se encontrava.

a religião se apresenta quase como a principal forma de afirmação que resta... quase que o único elemento de integração social, sobretudo nas grandes cidades entre pentecostais e umbandistas – escreve Moura, que continua: “Entregar-se ou aceitar a religião das elites seria extinguir-se como cultura... diluindo-se na cultura dominada, na religião dominante (MOURA apud BELTRÃO, 1980, p.)

⁴⁵¹ “*Marginalizado* implica reconhecer que tal condição não foi escolhida por quem a carrega; mas, sim, foi-lhe imputada por alguém” (HOHLFELDT, 2013, p. 190). Na teoria proposta por Beltrão, o termo ganha o mesmo sentido e, no panorama em que se apresentava a divisão em dois brasis, o grupo dos excluídos foi identificado como marginalizado, por causa de sua condição de pobreza, por questões geográficas e/ou por suas limitações de credibilidade.

Cultura é aqui compreendida como um instrumento de mudanças e de lutas para os grupos chamados de marginalizados Beltrão (1980). Por ser entendida como fruto das experiências individuais e dos grupos sociais, a cultura na folk é a demonstração da expressão de uma coletividade que contesta a hegemonia de uma elite detentora do poder econômico e, por isso, ganha vez e voz no espaço público. Na concepção folkiana, a atitude em organizar novas formas culturais pelos grupos marginalizados, é construída pelas experiências e vivências sociais. E são essas vivências sociais que também marcam e demarcam as diversas religiões de matrizes afro no Brasil, incluindo entre elas a Umbanda. Entender essas religiões pela luz da Folkcomunicação nos remonta ao que Beltrão afirma

Não se deve esquecer que enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação se destinam a *um* mundo em que palavras, signos gráficos, gestos, atitude, linhas e formas mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas da sociedade. Relações semelhantes, em sua consistência, às que ligam ao latim a língua falada no Brasil ou a doutrina e a moral católica ao sincretismo e à ética umbandista. Não obstante, como mostraremos a seguir, o rico sistema que estudamos contém, possivelmente com mais rigor que o outro, um traço de universalidade que advém de sua fundamentação no folclore [...] (BELTRÃO, 1980, p. 40)

Pensando nessa universalidade que envolve o folclore e nas relações sociais vivenciadas e construídas pelas comunidades, percebemos esse mundo em que nos afirma Beltrão (1980), ao qual o idioma, os rituais e nosso próprio lazer funcionam enquanto um sistema de comunicação, uma espécie de conduta que nos expressa e nos identifica. As religiões, principalmente àquelas que não se encaixam num parâmetro tradicional, também fazem parte desse sistema pois elas se enquadram nesse mundo permeado pelo folclore e pela cultura popular, enquanto crenças seculares.

A cultura popular está permeada tanto da linguagem do folclore quanto da representação das crenças seculares. Desde antigos tempos, folclore e crenças, através dos ritos, vêm preservando a memória das sociedades humanas e sendo o repositório no qual o pesquisador, atualmente, vai buscar matéria prima para os estudos da conformação social, pois os fatos folclóricos permitem traçar critérios que auxiliam na caracterização das paisagens e gestos culturais de um lugar etnográfico, já que o constitui e o diferencia dos demais (PENHA, 2009, p.180)

Considerando o exposto acima pelo autor, no que tange ao fato de que através dos ritos as sociedades veem preservando seu folclore, suas memórias e crenças é que vamos abordar agora as festas populares e em seguida apresentaremos os rituais da festa de Zé Pelintra, realizado pelo centro de Umbanda que carrega o mesmo nome da entidade.

5 Festas na Folkcomunicação – os rituais da festa de sr. Zé Pelintra

Fenômeno marcado pela diversidade de formas, conteúdos e modos de expressão, as festas populares são uma derivação natural das celebrações religiosas. No entanto é importante registrar que, por serem derivadas dos rituais religiosos, sublimam o caráter hierárquico e o respeito ao poder constituído, seja este religioso ou laico. Nas festas populares, conforme Canclini (1983, p. 55),

[...] mediante o ritual da festa o povo impõe uma ordem a poderes que sente como incontroláveis, procura transcender a coerção ou a frustração de estruturas limitativas através da sua reorganização cerimonial, imagina outras práticas sociais, que às vezes chega a pôr em prática no tempo permissivo da celebração. Nem sempre estas práticas são libertadoras (podem ser evasivas ao interpretarem de modo resignado ou culposos a sua miséria), mas sim, aparecem estruturadas, tanto por sua ordem interna como pelo espaço delimitado que ocupam na vida cotidiana que as precede e as continua e que nelas se inscreve (CANCLINI, 1983, p. 55).

Durkheim (1996) faz uma caracterização da festa popular, explicitando o caráter religioso destas manifestações, com destaque para o comportamento das pessoas:

Toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. Foi assinalado com frequência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, também há cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras, ordinariamente as mais respeitadas (DURKHEIM, 1996, p. 418).

Na pesquisa, interessa-nos entender a lógica dessas festas. Durkheim (1996) conceitua a festa popular considerando três momentos importantes: a aproximação que ela causa; a ideia de movimento que é trazido às massas, ou seja, um estado de animação e de fervor e, ainda, o momento do ilícito. A ideia de aproximação, ou seja, a anulação da separação entre os indivíduos, pode ser identificada, não somente nos rituais religiosos, mas, principalmente, nas festas populares, nas quais as pessoas se encontram ali unidas por um mesmo propósito, um mesmo objetivo, que faz com que elas se aproximem. Neste aspecto, reiteramos a concepção da festa popular como um ritual folkcomunicacional, pois entendemos que todo esse processo de aproximação é estabelecido e fundamentado na e pela comunicação. Uma festa popular, configura-se num sistema em que

[...] as classes sociais interagem dialeticamente, coexistindo de forma aparente, mas na verdade enfrentando-se, ora sutil, ora de modo ostensivo, na tentativa de conquistar

a hegemonia cultural. Por isso mesmo, elas se caracterizam como processos comunicacionais, na medida em que agentes socialmente desnivelados operam intercâmbios sógnicos, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alterando conjunturalmente, sempre de acordo com a correlação de forças em movimento (MELO, 2008, p. 77).

Através desse sistema poderemos compreender as relações sociais desenvolvidas por aquele encontro festivo, bem como a importância dessas relações ocorrerem num ambiente que proporciona a celebração entre os indivíduos e onde se compartilha solidariedade e emoções da vida. Num momento como esse, a comunicação acontece pela via de três fluxos convergentes já identificadas por Melo (2008) – *fluxo da comunicação interpessoal*; *fluxo da comunicação massiva* e *fluxo de intermediação comunicativa*. Melo resgata a identidade comunicativa das festas populares brasileiras caracterizando-as como processos determinados por fluxos convergentes. O primeiro (fluxo de comunicação interpessoal) é “a festa enquanto ativadora das relações humanas, produzindo comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes” (MELO, 2008, p. 79). É esse fluxo que nos interessa, no caso da festa estudada no artigo e os rituais que compreendem essa festa.

Quando se fala em *ritual* existe uma natural associação às questões religiosas e ao sagrado. Na classificação de Rivière, “Podemos dizer que o rito profano trabalha mais sobre as relações sociais do que o rito religioso que é mais rígido e se apoia, antes de tudo, na relação do homem com os poderes sagrados” (RIVIÈRE, 1996, p. 75). O rito profano está diretamente associado às relações sociais, no entanto, profanos ou sagrados, os *ritos* são, antes de tudo, sociais. Como tal, interessa-nos, sobremaneira, a realização do *rito* e sua função comunicativo-social. Os *rituais* religiosos (sagrados), têm como objetivo buscar a ligação entre o humano e o divino. São movimentos que os seres humanos realizam com o propósito de manter e edificar uma fé⁴⁵². Em sua procura por uma vida melhor, por uma purificação espiritual, os seres humanos buscam cada vez mais os *rituais* sagrados, o que explica e justifica a perenidade de tais momentos religiosos.

Sobre os *rituais* profanos, podemos afirmar que nem sempre eles se configuram como elementos palpáveis, porém os seus frutos se refletem no aprimoramento das relações sociais, no qual seus ganhos são traduzidos em ganhos para a sociedade. Os *ritos* que vivenciamos em sociedade, sejam os simpáticos ou de contágio, positivos ou negativos, diretos ou indiretos e, principalmente, os de passagem, acompanham-nos durante nossa existência num mundo concreto, possuindo efeito social por estarem ligados às nossas funções sociais. Eles geram um

⁴⁵² “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem”. (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 1592)

efeito psicológico, porque trabalham com questões ligadas às emoções. Os efeitos sociais que esses *ritos* nos trazem são visíveis numa perspectiva da função social:

Podemos considerar os efeitos dos ritos – não os efeitos que são supostos terem nas pessoas que os praticam, mas os efeitos que tem na realidade. Um rito tem efeitos imediatos ou directos nas pessoas que, de uma certa forma, estão ligadas a ele, efeitos estes a que poderemos chamar, por falta de um termo melhor, efeitos psicológicos. Mas existem também os efeitos secundários sobre a estrutura social, ou seja, a rede de relações sociais que une os indivíduos numa vida organizada. A estes poderemos chamar efeitos sociais. Ao considerarmos os efeitos psicológicos de um rito, poderemos talvez definir a sua função psicológica; ao considerarmos os efeitos sociais poderemos descobrir a função social (BROWN, 1989, p. 210).

Essa rede de relações sociais em que os indivíduos se conectam é a responsável por vários acontecimentos que passamos pela vida. Muitos interesses, sentimentos, perigos e realizações estão imbricados nessa rede. É através das relações sociais que os indivíduos se atualizam, se encontram e compartilham experiências, travam suas batalhas e se realizam enquanto seres humanos. São nessas relações que construímos e defrontamos os diversos valores que constituem uma sociedade. Os *ritos* servem para harmonizar e identificar os interesses individuais com os valores coletivos que dão sustentabilidade a uma sociedade. São eles que dão a liga e a uniformidade para um grupo social:

É válido lembrar que, no artigo e na pesquisa, entende - se por ritual um conjunto de representações simbólicas, características de um meio social que comunica determinada realidade de uma sociedade, de um povo ou de uma cultura. “O Ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressas por múltiplos meios” (PEIRANO, 2003, p.11). Todo ritual expressa, de certa forma, a crença e os valores daquilo que um povo acredita, por isso, ele acontece numa sequência lógica de cerimônias e símbolos que procuram dar sentido e dizer algo, seguindo uma lógica eficiente.

Na verdade, pode-se dizer que os rituais seguem um modelo divino, um arquétipo. Esta origem, oriunda da religião, se reporta ao fato de que é preciso fazer aquilo que os deuses nos deixaram como ensinamento, e isso diz respeito também aos rituais, às cerimônias, às convenções, ao conjunto de palavras, formas e atos que expressam um significado a uma determinada comunidade. Tudo isso se vislumbra no conceito de PEIRANO (2003), quando afirma ser o ritual um sistema de comunicação simbólica. A reprodução de um ritual religioso, sendo deixado como ensinamento para os homens, evidencia uma comunicação entre criatura e criador, que deve ser realizada como forma de comunhão entre as partes, demonstrando que mesmo passados vários anos de separação, ainda se cultiva um relacionamento.

Seguindo esta linha de pensamento, os sociólogos DURKHEIM e MAUSS, propõem uma “concepção de sociedade que estabelece um vínculo essencial entre rituais, de um lado, e representações, de outro” (PEIRANO, 2003, p. 18). Para estes sociólogos, os rituais são “atos de sociedade” que servem para que os indivíduos se identifiquem, se recriem e se renovem. Na Comunicação organizacional, as festas e eventos são instrumentos com o objetivo de aproximar os públicos; este é o ponto inicial para os estudos sobre esse assunto quando se está na graduação. Todavia, o que se quer discutir na pesquisa é o fato de que, além dos eventos nas organizações, os rituais são processos culturais que socializam informações e experiências, e por isso são pensados agora como estratégias. Assim como nas festas e eventos, em que o objetivo inicial é a “aproximação”, os rituais também se configuram assim, mas o que se pretende é entender quais são os fatores, os paralelos e as identificações que levam a essas aproximações.

“Seja nas idas às ‘boates’, nos ajuntamentos religiosos, nas diversas peregrinações exóticas ou na multiplicação das práticas esportivas, o que está em jogo é a exaltação da vida no que tem de sensível e afetoso. O ascetismo, a contenção, a limitação, próprios da educação judaico-cristã, não tem mais curso. Prevalece apenas a consumação do instante. Alegria dos sentidos que alia o espírito e o corpo, celebrando a inteireza do ser.” (MAFFESOLI, 2007, p. 42)

O autor coloca a importância do fato de nos reconhecermos enquanto agrupamento, pertencermos a algo, e é daí que se celebra a vida, o afeto. O público de uma organização se identifica como pertencente à mesma, e nos rituais que se vive no âmbito organizacional do Centro de Umbanda Zé Pelintra, esse público é capaz não só de expressar seu contentamento, assim como suas frustrações e até mesmo seus planos e sonhos para com aquele ambiente. “Ser do qual ‘participação’, de maneira quase mágica. É o que nos permitirá talvez compreender o sentimento de pertencer: fazemos parte de um grupo, somos de alguém, pertencemos a um território, temos uma preferência sexual, musical, esportiva, religiosa.” (MAFFESOLI, 2007, pg. 48). E são essas preferências no âmbito organizacional que devem ser entendidas e respeitadas quando se abordam os rituais da comunicação no contexto das organizações. Não se trata mais de estratégias elencadas num plano documental, mas da inteligência e do entendimento de perceber o cotidiano que se configura principalmente nos rituais abrangentes de uma festa popular numa instituição religiosa.

Essa abrangência se traduz na prática por uma enorme variedade de formas de se fazer, observar e explicar a umbanda. As definições disponíveis, elaboradas conforme diferentes pontos de vista, atestam a pluralidade ritual e conceitual da religião como uma de suas características mais marcantes, juntamente com a caridade e o sincretismo. (LIGIÉRIO, 2013, p. 79)

A seguir, apresentaremos essa abrangência de rituais que acontecem na festa do Sr. Zé Pelintra.

Quadro elaborado através de uma pesquisa de campo, por Francisco Benedito (membro do Centro de Umbanda Zé Pelintra)

RITUAL	CATEGORIZAÇÃO	SIGNIFICADO
1. Preceito	Preparação	Tempo de preparação dos médiuns onde deve acontecer a reflexão sobre o sagrado e o resguardo físico.
2. Oferenda para o Sr. Zé Pelintra	Comensalidade ⁴⁵³	Ritual de preparação e entrega de alguidar com alimentos específicos para esta entidade da umbanda. O momento pode contar com a presença dos filhos ou não.
3. Oferenda para o Exu da Casa • Farinha, simbolizando vitalidade e força. • Sacrificio da Ave, remetendo a vitalidade do sangue. • Cachaça, simbolizando a limpeza e descarrego	Comensalidade e Espacialidade ⁴⁵⁴	Ritual de preparação e entrega de alguidar com alimentos específicos para esta entidade. O momento conta com a presença do pai de santo da casa, o médium responsável pela festa e outros filhos, fortificando através da força vital dos alimentos a proteção dos médiuns e do local onde o toque será realizado.
4. Oferenda para o santo da casa • Milho branco, alimento oferecido ao Orixá Oxalá. • Água, recolhida de fonte corrente representa a vida e a fluidez do espírito.	Comensalidade e Espacialidade	Ritual de preparação e entrega de louças com alimentos específicos para a entidade sagrada responsável pela casa de umbanda onde o toque será realizado. Fortificando através da força vital dos alimentos a proteção dos médiuns e do local onde o toque será realizado.
5. Banho	Preparação	Ritual de preparação de um banho com ervas maceradas a mão e essências específicas,

⁴⁵³ Como Rivière (1996) nos diz, a comensalidade faz parte da sociologia da partilha, portanto essa é uma forma de partilhar a festa através do ato de comer junto, pois “comer juntamente com o outro ensina a viver juntos” (RIVIÈRE, 1996, p. 260).

⁴⁵⁴ Por isso, esse fazer na comunidade, que nos remete aos espaços praticados, nos fala sobre o ritual da espacialidade, pois são espaços que denotam uma circunstância e um tempo da ação. Nosso olhar, sob todos os espaços aonde a festa se realiza é circundado de simbolismos e significados que nos apontam para as circunstâncias da festa. (ALMEIDA, 2018, p. 199)



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 703 de 806



		além também de uma reza de consagração específica feita exclusivamente pelo Pai de Santo da casa onde o toque acontecerá, com o objetivo de limpar e consagrar o corpo e mente dos médiuns para o início dos trabalhos.
6. Defumação	Espacialidade	Ritual de preparação de ervas secas específicas e defumação de dentro do terreiro até a porta de saída, com o objetivo de limpar as energias astrais e preparar o ambiente para o toque do tambor
7. Entrada dos médiuns pela ordem hierárquica	Espacialidade	A entrada dos médiuns no salão onde o toque está acontecendo é guiada de ordem hierárquica, seguindo regras de feitura na religião e decisão dos guias. Respeitando a dependência mútua entre os irmãos e fomentando o respeito entre eles.
8. Saudação dos pontos de dentro do barracão	Espacialidade	Ritual de saudação e reverência aos pontos de Espíritos localizados dentro do salão onde o toque de tambor está acontecendo com o objetivo de pedir proteção e permissão para dançar no salão
9. Cântico para os Voduns	Litúrgico	São entoados cânticos aos Voduns na abertura do tambor, com o objetivo de pedir proteção e permissão para iniciar o processo litúrgico.
10. Cântico para os Orixás	Litúrgico	São entoados cânticos aos orixás, buscando proteção durante o toque e permissão para a descida dos guias a terra.
11. Cânticos para os Guias	Litúrgico	São evocados através de cânticos específicos os guias que descerão no salão, este ritual é

		aberto a todos os médiuns participantes do toque de tambor, que por ordem, devem se dirigir até a frente dos três tambores, Rum, Rumpi e Le e entoarem cânticos de evocação, o que chamamos de pontos cantados.
12. Descida dos Guias	Litúrgico	Ritual de incorporação nos médiuns.
13. Fechamento do Tambor	Litúrgico	Saída dos médiuns incorporados na mesma ordem e posição que entraram.
14. Recepção, corte do bolo e Samba de Roda	Comensalidade	Momento de interação entre guias e convidados, corte e distribuição do bolo feito especialmente para a festa, com formato e cores pré determinadas.

6 Considerações provisórias

Resta nos agora, juntar as ideias apresentadas nesse artigo e condensá-las nas considerações provisórias, pois esse artigo, como citado no resumo, é o início de uma pesquisa, que provavelmente se concluirá com o trabalho monográfico. Nossas discussões apresentadas aqui, demonstram que os rituais descritos na festa caracterizam um cotidiano vivido num ambiente organizacional. Essas práticas cotidianas dão origem àquilo que pode ser considerada a cultura da organização.

Os rituais da festa, que apresentam significados como: proteção, dependência mútua, respeito, interação, dentre outros, marcam e fundamentam os valores do Centro de Umbanda, enquanto uma cultura organizacional. São valores adquiridos nas relações sociais e demonstrados nos rituais como um sistema de comunicação simbólica e até mesmo um sistema de folkritualístico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francinete Louseiro de. Rituais e Folkcomunicação – Um Sistema de Comunicação Simbólico no São João do Maranhão – Tese de doutorado, 281f. Porto Alegre, 2018

BELTRÃO, Luís. Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BROWN, A.R.Radcliffe. Estrutura e função nas sociedades primitivas. Lisboa: Edições 70, 1989.



redefolkcom



CAMARGO, Hertz Wendel de. (org.) Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas. Curitiba : Syntagma Editores, 2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARRIERI, Alexandre de Pádua e SILVA. Alfredo Rodrigues Leite de. Cultura Organizacional *versus* cultura nas organizações: conceitos contraditórios entre o controle. In: MARCHIORI, Marlene (org.) Cultura e Interação. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2014.

DURKHEIM, ÉMILE. As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOHLFELDT, Antonio. “Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: Pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais”. In: MELO, José Marques de. FERNANDES, Guilherme Moreira (org.). Metamorfose da Folkcomunicação: antologia Brasileira. São Paulo: Cultural, 2013.

IASBECK, Luis Carlos. A Cultura e o discurso da cultura nos contextos organizacionais. In: MARCHIORI, Marlene (org.) Faces da cultura e da comunicação organizacional. São Paulo - São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010.

LIGIÉRIO, Zeca. Iniciação à Umbanda. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

MAFFESOLI, Michel. O Ritmo da Vida: Variações sobre o Imaginário Pós-Moderno. Rio de Janeiro: Record. 2007

MARCHIORI, Marlene. Cultura e comunicação organizacional: uma perspectiva de inter-relacionamento. In: MARCHIORI, Marlene (org) Comunicação em Interface como a cultura. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2014.

MELO, José Marques de. Mídia e cultura popular: História, taxinomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

PEIRANO. Mariza. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PENHA, Eliane. O Penitente: sobre os modos como a fé opera na cultura de um grupo. UNIVAP, 2009.

RIVIÉRE, Claude. Os ritos profanos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Contra tendências paradigmáticas da comunicação organizacional contemporâneo no Brasil. Revista Acadêmica de La Federacion Latino Americana de Facultades de Comunicação Social. Edicion n.º 85 Comunicação Aplicada. Outubro – dezembro 2012.